

1. TEMA E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Narrativas de aventura

2. HABILIDADES DA BNCC TRABALHADAS

- (EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, **narrativas de aventuras**, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
- (EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

3. OBJETOS DE CONHECIMENTO

Estratégias de leitura e Apreciação e réplica

Construção da textualidade e Relação entre textos

4. DURAÇÃO (EM NÚMERO DE AULAS)

Cinco aulas.

5. DESENVOLVIMENTO

A. CONTEXTO

Robinson Crusóé

I. Minha primeira viagem

Muito cedo me convenci de que minha mãe tinha toda a razão. Vida de marinheiro é vida pesada. Não sobra tempo para brincar, a bordo dum navio, ou pelo menos não sobrava a bordo do meu navio. Mesmo quando o mar estava sereno e o dia lindo, serviços não faltavam, um atrás do outro.

Uma noite o vento começou a soprar com fúria cada vez maior. O navio era jogado em todas as direções, como se fosse casca de noz. Nunca supus que tempestade fosse assim. Toda a noite o vendaval soprou e nos judiou. Fiquei tão amedrontado que não sabia o que fazer, nem o que pensar. Era impossível que o navio não fosse ao fundo.

Lembrei-me então de casa e das palavras de minha mãe.

– Se escapo desta – disse comigo –, outra não me pilha. Chega de ser marinheiro. Só quero agora uma coisa – voltar para casa e nunca mais deixar a companhia dos meus pais. A manhã rompeu e a tempestade ainda ficou pior que de noite. Convenci-me de que estava tudo perdido e resignei-me. De tarde, entretanto, o céu começou a clarear e o vento a diminuir. As ondas perderam a fúria. O navio foi parando de pinotear. A tempestade chegara ao fim.

Na manhã seguinte o sol apareceu, o céu fez-se todo azul e o mar parecia um carneirinho, de tão manso. Que beleza foi essa manhã!

Eu estava de pé no convés, olhando o mar, quando ouvi passos atrás de mim. Era o imediato do navio, um homem que sempre se mostrava bondoso para comigo.

– Que é isso, Bob? Você parece que teve medo do ventinho da noite passada.

– Ventinho? – respondi. – Tempestade e das boas, isso sim.

O velho marujo riu-se.

– Você é muito novato, Bob. Não sabe ainda o que é uma tempestade. Mas saberá qualquer dia e então há de rir-se de si próprio de haver chamado tempestade ao ventinho de ontem.

[...]

III. O naufrágio

Quando tudo ficou pronto para a longa viagem, embarquei no naviozinho. Fazia justamente oito anos que tinha deixado a casa de meus pais. Qualquer coisa me dizia que não fizesse tal viagem, mas eu havia me comprometido e não podia voltar atrás.

O vento estava de feição, como dizem os marinheiros. As velas se enfunaram e o navio lá se foi. Por muitos dias só tivemos bom tempo. O navio navegava firme, tudo parecendo indicar que a viagem seria das mais felizes. Mas não foi assim.

Uma violenta tempestade veio de sudoeste, e eu, que em oito anos de vida marítima tinha visto muitas, nunca vi tempestade mais furiosa. Nada pudemos fazer senão deixar o navio flutuar ao sabor dos ventos. Dias e dias fomos assim arrastados pelo mar afora, esperando a todo momento um fim terrível.

A tempestade crescia de violência. Nenhum de nós conservava esperança de salvar-se. Mas no décimo segundo dia o vento amainou e as vagas perderam a fúria. Nossas esperanças renasceram.

No décimo terceiro dia, pela manhã, um marinheiro gritou: “Terra!”

Corri ao convés para ver, mas justamente nesse instante o navio bateu num banco de areia e ficou imóvel. Estava encalhado. Grandes ondas vinham quebrar-se no convés, e toda a tripulação teria sido varrida para o mar se não se houvesse escondido nas cabinas. “Que havemos de fazer?”, gritou um marinheiro.

– Nada – respondeu o capitão. – Nossa viagem está no fim. Só nos resta esperar que as ondas despedacem o navio e nos engulam a todos.

– Há ainda uma esperança – gritou o imediato. – Sigam-me!

Corremos todos para o convés atrás dele e pudemos ver que um dos escaleres ainda estava no seu lugar. Num relance cortamos as cordas que o prendiam aos ganchos e o pusemos n’água, com todos os homens dentro.

Nenhum bote poderia flutuar por muito tempo num mar agitado como aquele, mas nós estávamos vendo terra por perto e tínhamos esperança de chegar até lá. Era a única salvação possível.

Vagalhões furiosos nos foram levando em direção dumas pedras que pareciam ainda mais terríveis que as ondas. De repente uma vaga maior cobriu o bote. Ninguém teve tempo de gritar ou pensar. Fomos todos engolidos pelas águas.

[...]

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé*: aventuras dum naufrago perdido numa ilha deserta, , publicadas em 1719. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 6, 7, 9 e 10.

Para esse plano, apresentamos dois trechos de uma narrativa de aventura. Se possível, sugerimos que você realize a leitura de todo o livro com os estudantes.

AULA 1

B. PROBLEMATIZAÇÃO

Pergunte aos alunos:

- I. Vocês já leram alguma história de aventura? Vocês conhecem a história da aventura de Robinson Crusóé?
- II. Na sua opinião, em que época essa história se passa? Será que é recente ou antiga?
- III. O que vocês entendem por narrativa de aventura? Quais são os elementos comuns em todas as narrativas de aventura?

Antes de ler os dois trechos da obra de Defoe, procure averiguar o conhecimento prévio que os alunos têm dessa história e do gênero narrativas de aventura. Inicialmente, verifique a compreensão do gênero, indagando se os estudantes já leram histórias em que as personagens vivem grandes aventuras. Nesse momento, abra a discussão para além da literatura, permitindo também respostas que se relacionem a peças de teatro, filmes do cinema, desenhos animados, séries de TV, *videogames* etc. Em seguida, procure saber se os alunos

já ouviram falar do livro *Robinson Crusoe*. É importante verificar se eles sabem que a obra foi publicada em 1719, ou seja, que trata de uma aventura que se passa no século XVIII. Além disso, procure descobrir o que os alunos entendem por narrativa de aventura e se são capazes de apontar suas características (são narrativas que contam uma ou mais aventuras de uma pessoa ou de um grupo). Essas aventuras geralmente envolvem situações que fogem das ações do nosso cotidiano. O herói ou a heroína deve enfrentar desafios surpreendentes e perigosos para escapar do perigo.

C. APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO

Leia para toda a turma dois trechos da obra *Robinson Crusoe*, apresentados nesse plano de aula. Lembre-se de que, nesse momento, você é o modelo de leitor para seus alunos. Assim, priorize uma leitura fluente, com boa entonação e, se julgar pertinente, faça pausas ao final de cada trecho para discutir o que está sendo narrado. É interessante que os alunos tenham o texto em mãos para acompanhar a sua leitura. Em seguida, peça a eles que realizem individualmente uma segunda leitura, procurando no dicionário as palavras cujo significado ainda não compreendem.

AULA 2

Narrador:

Escreva na lousa a primeira frase da história: “Muito cedo **me convenci** de que **minha** mãe tinha toda a razão.” Sublinhe os pronomes “me” e “minha” e o verbo “convenci”. Os alunos devem identificar que o narrador da história é um narrador-personagem que narra em primeira pessoa. Para isso, faça perguntas que auxiliem os alunos a chegarem a essa conclusão, tais como: i) quando uso os pronomes “me” e “minha”, a quem me refiro?; ii) e se uso os pronomes “nos” e “nosso”, a quem me refiro?; iii) o verbo “convenci” está conjugado em qual pessoa? O que isso implica para o narrador?

Após essa atividade, pergunte a eles quem é a personagem que narra a história e peça que sublinhem, no texto, um trecho que justifique as suas respostas. Sugestão de trecho:

“– Que é isso, Bob? Você parece que teve medo do ventinho da noite passada.

– Ventinho? – respondi. – Tempestade e das boas, isso sim.”

É importante que os alunos percebam que Bob é apelido para Robinson, a personagem protagonista dessa narrativa de aventura.

Apresente outras narrativas de aventura aos alunos em que o narrador seja observador e faça a comparação com os trechos de *Robinson Crusoe*. *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll) e *O Mágico de Oz* (L. Frank Baum) são exemplos de histórias narradas em terceira pessoa por um narrador observador. Já *A Ilha do Tesouro* (Robert Louis Stevenson) é outra narrativa de aventura narrada em primeira pessoa.

AULA 3

Tempo e espaço:

Em uma narrativa de aventura, assim como em qualquer história, o tempo e o espaço são elementos essenciais para a construção do enredo.

Os alunos devem identificar o espaço em que o trecho se passa (o navio) e o tempo (os fatos são narrados no passado, logo são anteriores ao momento da fala do narrador).

Para identificar o espaço:

Solicite aos alunos que sublinhem as frases em que o espaço é descrito na narrativa. Sugestão de trechos:

“Uma noite o vento começou a soprar com fúria cada vez maior. O navio era jogado em todas as direções, como se fosse casca de noz”.

“Era impossível que o navio não fosse ao fundo”.

“Quando tudo ficou pronto para a longa viagem, embarquei no naviozinho”.

Se julgar pertinente, discuta oralmente com os alunos as características do navio. Pergunte a eles se o navio provavelmente era de grande ou pequeno porte (os alunos devem chegar à conclusão de que era de grande porte, pois muitos marinheiros faziam a viagem junto com Crusoé). Ao final da discussão, peça que desenhem o navio de Crusoé.

Para identificar o tempo:

Releia este trecho da narrativa com os alunos:

“**Corri** ao convés para ver, mas justamente nesse instante o navio **bateu** num banco de areia e **ficou** imóvel. **Estava** encalhado. Grandes ondas vinham quebrar-se no convés, e toda a tripulação teria sido varrida para o mar se não se houvesse escondido nas cabinas. “Que havemos de fazer?”, **gritou** um marinheiro”.

Pergunte aos alunos em qual tempo verbal os verbos destacados estão conjugados. Depois de reconhecerem que os verbos estão no passado, peça que observem a conjugação dos demais verbos na narrativa. Após essa atividade, verifique se compreendem que os fatos narrados por Crusoé aconteceram antes do momento da fala do narrador – isto é, no passado.

Também é importante que identifiquem as expressões que marcam se o fato foi pontual ou de grande duração (expressões como “muitos dias” e “oito anos” aparecem na história, por exemplo).

D. PROPOSTA DE ATIVIDADE

AULA 4

Se julgar pertinente, sugira aos alunos que assistam, em casa, ao filme *As aventuras de Robinson Crusóe* (2016), animação que conta a história do livro a partir da perspectiva dos animais da ilha. É interessante realizar uma discussão oral que compare o livro com o filme, elencando as diferenças e as similaridades.

Produção de texto

Individualmente, os alunos devem escrever um texto dando continuidade à história de *Robinson Crusóe*, isto é, desenvolvendo uma aventura vivida pela personagem. É importante que se mantenha o mesmo narrador-personagem, assim como o tempo apresentado nos trechos iniciais da história lidos pelos estudantes. Já o espaço pode ser modificado, uma vez que os marinheiros saem do navio.

A aventura criada pelos alunos não precisa ser igual à da história original, entretanto, deve partir do mesmo momento em que a narrativa foi interrompida no trecho apresentado neste plano de aula.

AULA 5

Revisão e reescrita do texto

Após a escrita da primeira versão do texto, os alunos devem trocar entre si os seus textos e um deve corrigir e revisar o texto do outro.

No momento da revisão, o aluno deve observar os seguintes aspectos no texto do colega:

- O texto dá continuidade à história de *Robinson Crusóe*?
- O texto mantém o mesmo narrador-personagem?
- Os fatos são narrados no passado?
- Há uma nova caracterização do espaço da história?

Explique aos alunos que, caso a resposta para algumas das perguntas acima seja negativa, eles devem fazer um comentário explicando ao colega o que não foi feito e como é possível aprimorar seu texto a fim de atingir essas metas.

Assim que receberem seus textos revisados pelos colegas, os alunos devem reescrevê-los de acordo com os comentários.

6. RECURSOS

- Livro *Robinson Crusóe* (Daniel Defoe).
- Livro *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll)

- Livro *O Mágico de Oz* (L. Frank Baum)
- Livro *A Ilha do Tesouro* (Robert Louis Stevenson)
- Filme *As aventuras de Robinson Crusóe* (animação, 2016).

7. METODOLOGIA

Etapa 1: leitura coletiva em voz alta feita pelo professor.

Etapa 2: leitura individual em voz baixa, com a busca por palavras no dicionário.

Etapa 3: realização das atividades sugeridas individualmente, com correção posterior coletiva.

Etapa 4: produção de texto individual.

Etapa 5: revisão entre pares e reescrita do texto.

8. AVALIAÇÃO

A produção de texto em conjunto com as práticas de revisão e reescrita se constituem como forma de avaliação desse plano de aula. Você deve avaliar a versão inicial do texto do aluno e a sua reescrita, a partir da revisão do colega. É interessante observar se houve melhoras no texto do aluno após a reescrita.